

# Entrevista com o *Major General* Carl H. Freeman

*Diretor do Colégio Interamericano de Defesa*



O General Carl H. Freeman assumiu o cargo de Diretor do Colégio Interamericano de Defesa em junho do ano 2000. Neste quase um ano de trabalho a frente deste importante centro de estudos hemisféricos, o Gen Freeman vem dando substancial importância às relações multilaterais com o objetivo de conjugar esforços para o atingimento do bem comum americano. O Tenente-Coronel Héctor J. Acosta, Editor-Chefe das edições ibero-americanas da *Military Review*, teve o privilégio de entrevistá-lo em seu gabinete, situado em Washington/ DC, no mês de março próximo passado. A seguir, apresentamos as idéias expressadas por tão ilustre oficial naquela oportunidade.

INTER-AMERICAN  
DEFENSE COLLEGE

*MR: Para que fique claro para nossos leitores, o Inter-American Defense College — IADC (Colégio Interamericano de Defesa) é uma instituição educativa pertencente à Inter-American Defense Board — IADB (Junta Interamericana de Defesa), a qual é uma entidade da OEA. Como é que o senhor caracterizaria a missão do Colégio? Como esta missão apóia ambos a IADB e a OEA?*

**MG Freeman:** O curso do *IADC* é um curso superior sobre a Estratégia da Segurança Nacional (*National Security Strategy*), desenhado para preparar líderes das Forças Armadas, da polícia nacional e funcionários civis do governo, para assumirem um papel maior de responsabilidade dentro de seus governos nas áreas de segurança e defesa. Temos estado muito ativos. O Colégio, naturalmente, existe há quarenta anos. De fato, estamos atualmente no nosso quadragésimo curso. Durante este período de tempo temos feito um importante trabalho em desenvolver uma geração de líderes que acreditam em encontrar soluções pacíficas para os conflitos, na segurança e estabilidade da região e no apoio à democracia e às instituições democráticas. Tem sido um curso paralelo com as iniciativas da OEA durante mais de trinta anos e temos sido capazes de complementar seus esforços ao trabalharmos com as forças de segurança de todo o Hemisfério.

*MR: Um dos objetivos que o senhor identificou para o Colégio é o de conseguir maior participação no mesmo de membros da OEA. Como planeja alcançar este objetivo?*

**MG Freeman:** Uma das dificuldades que temos agora é que das 34 nações que são membros ativos da OEA, 17 são representadas na nossa classe atual, o que provavelmente representa o registro dos últimos anos. Faltam-nos aproximadamente a metade dos países que potencialmente poderiam participar no que é uma experiência única dentro da única instituição regional que foca na estratégia de segurança nacional e estratégia nacional militar. Por toda a nossa história fomos capazes de graduar estudantes de 23 países. As faltas de participação têm sido primeiramente de alguns dos países com dificuldades em fazer o investimento econômico para enviar seus estudantes a um programa presencial de 11 meses, dentro de uma das áreas mais caras de Washington, D.C. O que estamos tentando fazer é nos tornarmos mais relevantes e inclusivos com relação a esses países. Para este fim, procuramos meios originais de conseguirmos bolsas e financiamentos escolares, ou seja por intermédio de um *IMET* (*International Military Education and Training*) ou dos programas das fundações e outros

que possam apoiar a matrícula de estudantes no Colégio.

Outrossim, temos negociado com a *SOUTHCOM*, o Comando Sul dos EUA, e continuamos a procurar um meio para que possamos apoiar o engajamento de teatro do Comandante-em-Chefe. Muito do que fazemos no nosso programa educativo certamente contribui para alcançar os objetivos do Comando Sul dos EUA na região. Por exemplo, pensamos oferecer alguns excelentes programas do interesse de líderes superiores em assuntos

---

*Não posso falar por todas as delegações da OEA, mas acredito que existe um apoio muito grande para o Colégio. Há grande reconhecimento do papel que ele desempenha na educação pela paz, no apoio à democracia, na resolução pacífica de disputas e no treinamento dos líderes superiores. Não são poucas as ofertas voluntárias por parte de embaixadores da OEA e de outros que querem vir ministrar palestras no Colégio.*

---

de segurança nacional. Uma das metas, portanto, é de sermos mais inclusivos, em termos dos países representados no nosso corpo discente e tentar envolver algumas das forças de segurança. Muitos dos países não têm forças armadas tradicionais, mas polícia com unidades especiais de segurança ou algo similar. Também gostaríamos de expandir a participação das forças da polícia nacional. Através dos anos, temos tido policiais da Venezuela, Colômbia e de muitos outros países. Gostaríamos de expandir esta participação, particularmente porque a natureza mutante das ameaças que enfrentamos requer a cooperação e a colaboração das forças policiais e militares.

*MR: Em sua opinião, está o Colégio suficientemente engajado na região? Quais as mudanças que gostaria de implementar para melhor servir as instituições militares do Hemisfério e aumentar a segurança regional?*

**MG Freeman:** Acredito que o Colégio esteja ativamente engajado mas sempre existem outras coisas que podemos fazer que sejam contribuições relevantes e tangíveis, hoje e amanhã, para os países representados na OEA. Este é o nosso ponto focal. Trabalhamos com nossa tradição de apoio à democracia e ao mesmo

tempo temos o futuro em vista. Tentamos ser criativos nos programas que oferecemos para satisfazer as necessidades dos países, em parte pelo estudo de áreas que caracterizamos como não tradicionais — incluindo as operações de manutenção da paz, operações de paz, assistência militar durante desastres naturais, resolução de conflitos, ética e corrupção. Algumas destas coisas, junto com as ameaças transnacionais, provavelmente representam as maiores ameaças à estabilidade e à segurança do Hemisfério. São áreas nas quais adentramos ao mesmo tempo que tentamos produzir um estudante informado e com melhor conhecimento, que terá as ferramentas necessárias para se tornar um ator na área de tomada de decisões.

Temos feito um número de coisas para atrair o engajamento de muitas nações. Primeiro, desenhamos alguns cursos de menor duração (entre uma a três semanas) destinados àqueles países que não foram capazes, até o momento, de enviarem estudantes aos programas para presenciais aqui. O objetivo é o de envolver os países do Caribe e da América Central e outros com pequenas forças de segurança que poderiam enviar estudantes para esses seminários modulares em conjunto com o nosso programa para residentes. Eles se uniriam aos nossos estudantes residentes e participariam de um curto seminário sobre operações de manutenção da paz, apoio militar durante desastres naturais e resolução de conflitos. Interagiriam com nossos estudantes e docentes, atendendo palestras, participando de viagens, dos exercícios e dos seminários. Voltariam a seus países com uma melhor compreensão do que estamos tentando fazer, tendo se beneficiado da maior interação concedida. Desta maneira acreditamos que podemos expandir e recebermos uma média de 28 ou até mesmo todos os 34 países anualmente neste foro regional acadêmico que oferece oportunidades singulares. Porque o ensino ocorre em espanhol, inglês e português por meio de interpretação simultânea, temos estudantes com estas origens interagindo; não temos cursos apenas em inglês ou espanhol. E o Hemisfério consiste principalmente desses três idiomas. Poderíamos incluir o francês para facilitar a participação do Haiti, por exemplo.

Acredito firmemente que precisamos nos expandir e ampliar as iniciativas da OEA que apóiam este parecer. Assinamos acordos com um número de escolas importantes e prestigiosas universidades civis em toda a América Latina em um esforço cooperativo — seminários, teleconferências, etc. — para que os estudantes não tenham que fazer tudo em domicílio, e que possam receber as informações de forma mais abrangente. Neste momento já temos as condições de colocarmos nossos palestrantes ao vivo na Internet e notificamos no nosso *website* quando haverá um confe-

rencista particularmente notável para que os interessados possam acompanhar. Esta modalidade encontra-se um tanto parada. Esperamos ser mais ativos no futuro para podermos programar, por exemplo, um diálogo sobre um assunto de segurança com a ANEPE (Academia Nacional de Estudos Políticos e Estratégicos) no Chile ou com institutos similares na Argentina, no Uruguai ou em outro país. Poderiam haver dois ou três institutos participando ou então apenas nós com outro país. Temos acordos assinados com a “Universidad del Salvador” em Buenos Aires. Estamos discutindo fazer o mesmo com a Universidade Católica em Santo Domingo e com a Universidade Javariana em Bogotá. Muitas universidades através dos EUA têm incrementado o estudo da resolução de conflitos, das operações de manutenção da paz e da estratégia de segurança nacional. O mesmo fenômeno ocorre em universidades civis por toda a América latina. Portanto, creio que enquanto discutimos o conceito de segurança, precisamos trocar idéias, também, com as universidades civis.

*MR: Estão os civis do hemisfério também participando do programa do Colégio?*

**MG Freeman:** Sim, estamos vendo mais interesse nesse sentido. Uma das fraquezas mais aparentes na maioria dos governos latino-americanos é que não têm um forte serviço público. Mais especificamente, estes serviços públicos não têm muita experiência em assuntos de defesa e segurança. Com o crescimento de ministérios civis de defesa e o envolvimento de civis no governo — um fenômeno em ascensão por todo o hemisfério — a necessidade de treinar o pessoal nesta área e torná-los mais proficientes em assuntos de segurança é importante. Tradicionalmente, recebemos um número de pessoas ligadas à defesa civil de vários países. Começamos a ver mais acadêmicos das suas escolas militares e mais funcionários de relações exteriores participando, criando uma interessante diversidade que produz discussões das mais dinâmicas.

*MR: Que diz o senhor da meta de promover o entendimento mútuo?*

**MG Freeman:** Obviamente uma meta importante. Mas acredito que parte do benefício de uma experiência no Colégio está nos relacionamentos sociais que se desenvolvem, no trabalho conjunto em seminários e durante os estudos na sala de aula. Estes são relacionamentos que podem durar para sempre. Lembre-se que a maioria dos nossos estudantes serão membros importantes de seus respectivos governos durante os próximos 15 ou 20 anos, portanto o

relacionamento pessoal desenvolvido aqui é muito importante.

*MR: Mas em termos reais, essa vantagem existe para um número pequeno dos mais promissores líderes de qualquer país. Temos entendido que o Colégio impõem um limite de três estudantes por país durante cada ano acadêmico.*

**MG Freeman:** Não chega a ser um limite. O que fazemos é estabelecer uma meta de três estudantes por país para assim termos melhor representação. Acredito que a idéia inicialmente era de permitir que cada país pudesse participar com a diversidade de suas forças armadas. Através dos anos isso evoluiu para incluir os civis. Mas de fato foi desenhado para permitir-nos alcançar o nosso próprio critério. Calculamos nossa carga ideal de estudantes entre 60 a 64 alunos. A limitação é devido principalmente ao nosso espaço nas salas de aula, o fator mais constrangedor no momento. Em 2004, quando formos redesenhar este edifício, acrescentaremos uma ou duas salas de aula.

Caso isto ocorra, poderemos então acomodar entre 75 a 80 estudantes, confortavelmente.

*MR: Isso então permitiria aumentar a participação de cada país.*

**MG Freeman:** Exatamente. O que descobrimos é que muitas vezes um país não é capaz de preencher sua quota. Quando isto acontece, outros podem então preenchê-la. Por exemplo, na classe deste ano temos nove venezuelanos e nove residentes dos EUA. Os EUA sempre aproveitam as vagas desocupadas e os venezuelanos têm sido, também, muito ativos neste sentido.

*MR: Observei que este ano não há um estudante boliviano. Isso significa necessariamente que a Bolívia não pôde arcar com os gastos para enviar um estudante?*

**MG Freeman:** Correto. A Bolívia não estava em condições financeiras de enviar um estudante. Mas no

ano que vem pretendem enviar sua representação completa. A Guiana já indicou que enviará um estudante no ano que vem, assim também como o farão alguns dos países pequenos que participam ocasionalmente. Esperamos poder aumentar a participação no curso de um ano de duração e acredito que por intermédio dos cursos mais curtos poderemos ter maior participação dos países durante todo o ano.

*MR: Quer dizer que os cursos mais curtos ainda não foram implementados?*



Fotos: CID

**MG Freeman:** Temos o desenho conceitual, e o esboço para cada um dos cursos. Essencialmente, cobrirão matérias que já ensinamos, com algumas modificações. Em alguns casos, o que fizemos foi comprimir uma série de palestras apresentadas formalmente em um período de vários meses em um curso de duas semanas. Desta maneira, podemos ter um curso distinto que se adaptaria ao formato que temos em mente. O curso que lida com as ameaças transnacionais emergentes e com o sistema interamericano inclui os temas de corrupção, o narcotráfico, o contrabando de armas e o crime organizado.

Todos esses diferentes temas eram usados para apresentação durante o ano porque dependemos muito dos palestrantes convidados. Não temos docência permanente agora. Estamos trabalhando no sentido de desenvolver uma docência pequena, dentro de nosso orçamento, que proporcione continuidade. Deve ser considerado, porém, que a ausência de uma docência é também uma de nossas vantagens já que nos permite contar com os melhores e mais brilhantes quadros dos

setores acadêmico, governamental e privado, tanto dos EUA como do estrangeiro. Washington (D.C.) é o local ideal porque tem uma representação mundial. Ao longo do ano temos palestras de uns dois presidentes. Recentemente, o vice-presidente venezuelano foi um palestrante. Outros tipicamente incluem ministros de defesa, comandantes de forças armadas, embaixadores da OEA, membros da comunidade internacional, do Banco Mundial, do Banco de Desenvolvimento Interamericano, da Cruz Vermelha e de uma variedade de outras atividades. Como resultado, nossos estudantes realmente recebem um programa de elevado nível em estudos de segurança internacional.

*MR: O Colégio tem palestrantes convidados, representantes de organizações não governamentais, que podem discordar dos militares?*

**MG Freeman:** É claro. Na verdade nos esforçamos por apresentar diferentes pontos de vista. Por exemplo, convidamos as agências *Transparency International*, *Amnesty International* e o *America's Watch* porque é importante ouvir seus pontos de vista. O pior que pode ser feito dentro de um ambiente acadêmico livre como este é tentar evitar opiniões discordantes. Damos grande valor à liberdade acadêmica que o Colégio oferece — assim como a interação entre os nossos estudantes e os palestrantes convidados.

*MR: Tais organizações hesitam em aceitar seus convites?*

**MG Freeman:** Temos uma antiga tradição em tais intercâmbios portanto, a aceitação é grande. Tenho conhecido indivíduos, líderes dessas organizações, durante reuniões oficiais e sociais que invariavelmente deram palestras no Colégio. O que estamos tentando fazer é continuar essa tradição e incentivar para que outras entidades também o façam. Temos ótimo relacionamento com a Organização Pan-Americana de Saúde, a Cruz Vermelha e muitas outras. Isso nos dá grande credibilidade quando mantemos diálogo com a *Transparency International* e outras. Eles também reconhecem o valor de poderem emitir suas opiniões e trocarem idéias com a audiência. Damos um mini-curso sobre o comandante militar e a mídia e convidamos um número de membros da mídia para que falem sobre como vêem os militares — nem sempre são comentários positivos mas são importantes para o entendimento dos comandantes superiores.

*MR: O Colégio é obrigado a enfatizar a participação das organizações não governamentais e privadas e falar sobre os direitos humanos?*

**MG Freeman:** Obrigado não, já que não somos uma instituição estadunidense. Mas não é um enfoque particularmente americano. Trata-se de uma área de muita preocupação e de muito interesse por todas as Américas, particularmente hoje em dia, porque quase todos os países têm um governo democrático. Falamos sobre a segurança do cidadão e os direitos humanos rotineiramente. São conceitos de grande interesse. Um outro assunto importante na América Latina é a corrupção, portanto, agora faz parte do currículo. Tivemos um seminário para o qual convidamos um painel de espertos para que enfocassem especificamente nos assuntos de ética e corrupção de funcionários governamentais. Durante o ano falamos muito sobre a ética e, porque se trata de um tópico tão importante, fomos bem específicos sobre ele no painel. Devido ao grande interesse demonstrado tanto pelos estudantes como pela OEA, esse será um dos cursos que se tornará provavelmente em um de uma semana de duração no futuro, cobrindo não apenas a corrupção e a ética, mas os elementos transnacionais do crime organizado e do narcotráfico.

*MR: Há bastante apoio dentro da OEA para com o Colégio?*

**MG Freeman:** Um dos grandes desafios da OEA e de todas as organizações internacionais deste tipo está no fato de que dependem das contribuições voluntárias dos estados-membros. Se um país está atrasado ou incapaz de pagar sua quota voluntária, toda a organização sofre. Não temos sido poupados neste problema mas nem tampouco tem sido por má fé. Temos sofrido baixas que, devido ao nosso já pequeno orçamento, tem produzido efeitos constrangedores. Tivemos que reduzir nosso pessoal civil, temos tido que fazer muitas coisas para conciliar funções e sermos mais econômicos e eficientes na maneira com que administramos. Tem sido um estímulo o uso mais extensivo da tecnologia. Eliminamos muita papelada porque custa dinheiro mandar imprimir. Agora quando temos que mandar minutas ou notas sobre nossas reuniões de comitês, quase sempre o fazemos via eletrônica, e tentamos avidamente depender disto cada vez mais. Em nossa biblioteca, dependemos mais do acesso à Internet do que da compra de livros. Livros são demasiado caros. Portanto, tentamos nos aproveitar da tecnologia e fazer as coisas de maneira mais sensata.

Não posso falar por todas as delegações da OEA, mas acredito que existe um apoio muito grande para o Colégio. Há grande reconhecimento do papel que ele desempenha na educação pela paz, no apoio à democracia, na resolução pacífica de disputas e no treinamento dos líderes superiores. Não são poucas as ofertas

voluntárias por parte de embaixadores da OEA e de outros que querem vir ministrar palestras no Colégio. Desfrutam disso. Convidamo-los a que venham atender nossas palestras especiais e nossos exercícios, em um programa de visitantes distinguidos. Tivemos um exercício de manutenção de paz que foi conduzido pelo Instituto Pearson, do Canadá. Um dia convidamos embaixadores da OEA para receberem informações sobre as metas do programa e dos estudantes sobre o que estes estavam fazendo. Foi bem recebido por todos os que puderam atender.

Como qualquer outra organização, o Colégio tem que justificar o que faz, dar conta de seus gastos e mostrar que sua contribuição é relevante. Parte do que estamos tentando fazer é ter maior abrangência, informar aos países que não são membros ativos do Comitê Interamericano de Defesa sobre o que estamos fazendo. Começamos a publicar um folheto informativo trimestral que será divulgado via eletrônica e em separata. Fizemos um número de panfletos que comentam um pouco sobre nossas iniciativas e onde chamamos atenção sobre nossa *webpage* (página na Internet) à qual temos dado especial dedicação. Hoje em dia todos acompanham a tecnologia e têm acesso à Internet. Visitando nossa página, pode-se conseguir informações atualizadas sobre o que estamos fazendo, por exemplo, com respeito à remoção de minas, uma área na qual estamos ativamente engajados. Pode-se também aprender sobre o Colégio, sua história, missão, composição e as informações sobre novos cursos. Somos uma fonte de informações sobre todos os militares da região. Creio que grande parte de nossa missão é justamente de suprir informações desse gênero. Também temos ligação via Internet com outras entidades envolvidas com segurança e a América Latina, colaborando com o Centro para Estudos de Defesa Hemisférica e a Universidade Nacional de Defesa nessas áreas.

Creio que a OEA tem ficado impressionada com nossos esforços em nos mantermos atualizados, mais relevantes e inclusivos. As três principais coisas que estamos tentando fazer são: revitalizar o relacionamento com a OEA e outras agências envolvidas na segurança hemisférica; ter mais representação de países (em termos de forças de segurança), e fazer contribuições realmente importantes. Precisamos demonstrar um retorno excelente dos investimentos feitos pela OEA e os países-membros. Lembre que os países membros estão

fazendo grandes contribuições no apoio aos oficiais que enviam para cá.

*MR: O senhor mencionou que conduzem exercícios de resolução de conflitos. Dada a grande variedade de talentos no corpo discente, até que ponto participam os alunos no planejamento dos exercícios*



*ou das aulas? Eles estão envolvidos, por exemplo, no desenho dos cenários dos exercícios? Eles podem opinar sobre o que gostariam de ver?*

**MG Freeman:** Nosso curso se divide em blocos de instrução. No final de cada bloco, recebemos críticas por parte dos estudantes sobre pontos fortes e fracos, pontos que possam precisar modificações. Obviamente não podemos fazer mudanças radicais dentro do mesmo ano mas podemos desenhar planos de instrução para o ano vindouro. Muitos estudantes permanecem como conselheiros, aproveitam a experiência recebida no ano anterior e nos ajudam no desenho do curso. Para nós é muito importante receber esse retorno dos conselheiros e estudantes. Sem ditar a certas agências sobre como proceder, estabelecemos amplos parâmetros para as suas contribuições. O Instituto Pearson é um ótimo exemplo. Depois de ter-lhes dado uma idéia do que precisávamos, eles desenharam um curso dentro dessas necessidades. Este é o primeiro ano em que será ministrado. Com base nas experiências de nossos estudantes e da docência, eles o modificarão para o ano que vem.

*MR: Esse seria um curso que poderia preparar para os cursos de duas semanas de duração que o senhor mencionou?*

**MG Freeman:** O Instituto Pearson faz isso regularmente. Eles visitam um país específico onde conduzem um curso especialmente para ele. Eles são os peritos na instrução de operações de manutenção de paz. Provavelmente os melhores no momento. Tentamos nos aproveitar de sua esperteza na área no sentido de que venham ensinar a nossos estudantes residentes. Como somos capazes de oferecer essa instrução em um curso condensado, também poderemos convidar outros 12 a 15 estudantes de vários países para participarem. Uma das coisas que esperamos ter como resultado ao trazer outros grupos durante o ano, interagindo com nossos estudantes, é que todos tenham maior conhecimento dos novos conceitos. Em muitos casos, estaremos trazendo forças de polícia para beneficiar países como a Grã-Bretanha, que não tem uma força armada. Existe muito interesse no atendimento dessas aulas e de fato já houve a participação em operações de manutenção de paz com as forças de polícia no Haiti. Existe o potencial para que isto seja feito em outros países. São exercícios que proporcionam uma oportunidade excelente para o desenvolvimento profissional de todos os participantes.

*MR: Também oferecem adestramento de valor em crises reais. Apesar de que vivemos em uma época de uma paz incomum, nossos países ainda enfrentam situações de crise e emergência. O Plano Colômbia, por exemplo, responde à seria ameaça que repercute por toda a região. Estes assuntos atuais estão sendo estudados no Colégio à medida que se desenvolvem?*

**MG Freeman:** Uma das vantagens do Colégio, acredito, é a liberdade acadêmica absoluta da qual desfrutamos. Como uma organização internacional, temos a capacidade de recebermos palestrantes distinguidos de todo o espectro. Teremos proponentes e oponentes do Plano Colômbia falando aos estudantes. Temos tido várias ocasiões nas quais painéis lidam com o Plano Colômbia. Nossos estudantes representam uma grande variedade de países que têm fronteiras em comum com a Colômbia e existe grande preocupação por toda a região. É um de nossos temas. Cada estudante sabe que deve respeitar os direitos de outros estudantes de ter um ponto de vista distinto. É muito bom ver a interação resultante disso. Naturalmente, também temos estudantes colombianos.

Falamos muito a respeito de eventos atuais. Não tendo um currículo severamente estruturado, desfrutamos da flexibilidade em trazer um palestrante atualizado que fale de uma área de interesse particular. Muitos têm falado de situações de interesse para toda a América Latina. Os alunos se mostram surpreendentemente astutos sobre o que se passa na região. Mesmo estando aqui em Washington D.C., continuam conectados com

os acontecimentos em seus próprios países e por toda a região, e observam atentamente o que ocorre nos Estados Unidos. Palestrantes representam uma variedade de interesses, incluindo acadêmicos, militares, funcionários governamentais e organizações não governamentais. Sendo que muito do que fazemos não é imposto, as opiniões podem ser dadas abertamente. A intenção não é a de incutir nos estudantes o que devem pensar, mas expô-los a uma grande variedade de idéias para que possam melhor desenvolver o intelecto, sendo capazes de lidar com crescentes níveis de responsabilidade e complexidade.

*MR: Gostaria de voltar a um tema anterior sobre a tecnologia e seus planos de envolver o Colégio Interamericano de Defesa na era da Internet. Como poderia chegar a ter a desejada influência em países de acesso limitado à computação?*

**MG Freeman:** Por termos um corpo estudantil tão diverso, alguns que são peritos e usam o computador todos os dias e outros com apenas um conhecimento limitado, começamos cada ano com um curso desenvolvido aqui no Colégio. Trata-se de um curso de duas semanas de duração de ensino básico, que inclui *Power Point*, *Microsoft Word*, correio eletrônico e acesso à Internet. No entanto, trabalharemos ainda mais em nossa biblioteca para conseguir acesso a diferentes sistemas, dentro da grande quantidade de bibliotecas universitárias, não apenas nos Estados Unidos mas também na América Latina. É uma habilidade que temos querido passar a nossos estudantes. Temos uma sala de computadores que pode ser usada pelos estudantes a qualquer hora. E estamos expandindo nossa biblioteca, tornando-a um centro de aprendizagem que permitirá aos nossos estudantes aprenderem o processamento de textos, trabalharem com um número de programas ou acessarem a Internet e conduzirem pesquisas. Estamos estudando fazer mais com as teleconferências. Temos investido nos últimos anos para termos a capacidade de fazermos teleconferências, aulas ao vivo, e apresentações. Gostaríamos de fazer ainda mais. O protótipo do programa de ensino à distância que mencionei será nossa primeira tentativa de estudar a aceitação do ensino à distância via Internet e estou ansioso por receber o retorno dos estudantes sobre esse tema. Estamos trabalhando para manter esforços cooperativos com o Centro para Estudos da Defesa Hemisférica e o Comando das Forças Conjuntas para o desenvolvimento de programas de aprendizagem à distância que melhor servirão as áreas geográficas e que nos permitirão um melhor esforço em rede de comunicações. O que gostaríamos realmente de fazer é manter uma rede de comunicações com instituições lí-

deres civis e militares, por todo o hemisfério, com intercâmbio de idéias e participações por meio da Internet e vídeoconferências.

*MR: Existe algum mecanismo para medir o retorno de tais iniciativas em países-chaves?*

**MG Freeman:** Já pedimos e recebemos algum retorno. Tivemos um painel de ética, por exemplo, e um número de instituições chilenas, argentinas, e uruguaias que participaram e ofereceram boas recomendações sobre o som e as técnicas, entre outras coisas. Portanto, recebemos algum retorno. Mas esta é uma área que temos que melhorar. Será um dos temas que iremos discutir na próxima Conferência dos Diretores das Escolas Superiores das Outras Forças Armadas de toda a região. A dificuldade é que existem diferenças entre os sistemas operacionais, as capacidades e os provedores de acesso à Internet, que são preocupantes. Existem também problemas tecnológicos. O desafio é ir além das discussões e fazer algo construtivo a respeito.

*MR: Qual é a sua visão para o futuro do Colégio Interamericano de Defesa?*

**MG Freeman:** A curto prazo, o que queremos é construir a partir dos pontos fortes do Colégio. Ele é uma instituição única. Sua grande força está na diversidade dos estudantes e no seu comitê de conselheiros, que vem de um número de países e com vasta experiência. Temos tido oficiais mais antigos e civis seniores. Em seus respectivos países estes mantiveram posições importantes com amplo e variado grau de experiência. Nossos estudantes aprendem provavelmente tanto de seus iguais como dos acadêmicos e de outros espertos. Queremos expandir essa participação. Queremos aumentar o número de civis. Atualmente apenas 12% dos estudantes são civis. Acreditamos que uma porcentagem ideal seria entre 20 a 25 por cento de participação civil no curso. Queremos aumentar a participação das forças de polícia porque estas representam os elementos-chave para lidar com as ameaças transnacionais e os desafios à segurança. Temos a promessa da Argentina, do Chile, da Bolívia e do Peru, que irão enviar oficiais de suas polícias nacionais. Estão muito interessados no programa, não apenas para manter os contatos com os outros países, mas também para ver de que maneira podem in-

corporar algumas das coisas que fazemos no desenvolvimento profissional de suas próprias forças de polícia. Também queremos incluir os países menores que tradicionalmente não têm podido participar, por meio de simpósios ou pela aprendizagem à distância, ou, ainda, por meio de seminários curtos presenciais e em associação com nossos estudantes. Queremos que vejam os benefícios de trabalharem conjuntamente em um corpo hemisférico que tem um ponto de vista realmente regional.



Repito que estamos tentando aproveitar a tecnologia e fazer os investimentos prudentes que nos habilitarão a alcançar, cada vez mais, as outras instituições da região. Temos um bom programa de intercâmbio com escolas líderes de forças dos EUA. Seus representantes, que se encontram aqui na docência ou entre os estudantes, mantêm esses contatos. Estamos tentando revitalizar nossa associação de bacharéis. Temos bacharéis em todos os países das Américas do Sul e Central e estamos muito interessados em encorajá-los a participarem mais da promoção do Colégio e do que estamos fazendo. Estamos desenvolvendo uma Galeria de Honra que trará líderes seniores e reconhecerá aqueles graduados que têm feito grandes contribuições por todo o Hemisfério. Um dos pontos fortes do Colégio é a estimativa de que 40% de nossos graduados se tornam oficiais gerais ou chegam a ser ministros. Alguns até se tornarão presidentes e queremos dar-lhes seu merecido reconhecimento. Atualmente há um oficial general boliviano aposentado que trabalha nesse programa com um comitê. À medida que prosseguimos nisso, estamos encontrando cada vez mais temas interessantes originários de nossa soberba história.

*MR: Acredito que o Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação de Segurança (Western Hemispheric Institute for Security Cooperation — WHISC) no Forte Benning, na Geórgia, participa de alguns dos pontos fortes do Colégio. Enquanto compreendo que o nível educativo do WHISC não é o mesmo que o do Colégio Interamericano de Defesa, seria correto categorizá-lo como outra instituição regional devotada aos mesmos objetivos que o senhor identificou como sendo os do Colégio?*



**MG Freeman:** Estamos descobrindo que, da mesma forma em que a antiga Escola das Américas tornou-se o WHISC, estão cada vez mais fazendo o que fazemos nós, afastando-se do enfoque tático. Eu me formei na Escola das Américas, portanto tenho grande afinidade pelo que fizeram no passado. Ainda assim, creio ser bom que estejam indo na direção da realidade atual. Estarão se envolvendo mais em operações de manutenção da paz, mais em resoluções de conflito, e mais no treinamento de cenários de desastres naturais para seus estudantes. É importante salientar que trabalhamos em níveis distintos. Eles trabalham mais nos níveis operacional e tático, enquanto que nós enfocamos no operacional e, especialmente, no nível estratégico. No contexto das operações de manutenção da paz, tem que se falar de operações táticas porque líderes seniores precisam estar a par do que está ocorrendo. As maiores dificuldades nessas operações acontecem no nível do soldado e do batalhão. Comandantes superiores devem compreender isto, assim como a importância de manter interações com agências não governamentais. Ao mesmo tempo, nossos estudantes tentam descobrir de que maneira conseguir recursos e qual é a Estratégia Nacional

quando se trabalha com essas organizações. Eu não vejo nisso uma redundância mas sim esforços que se complementam. Atendemos a cerimônia de fechamento do Colégio das Américas e o da abertura do WHISC. Um número de nossos membros facultativos e conselheiros são graduados do Colégio das Américas e acreditam, como eu, que será um benefício aumentar nossa colaboração com a nova instituição.

*MR: Nossos leitores incluem sargentos e oficiais até o nível de oficial general através do hemisfério e ao redor do mundo. Muitos também são estudantes em escolas de estado-maior e outras instituições profissionais. Que mensagem o senhor transmitiria para os nossos leitores a respeito do Colégio?*

**MG Freeman:** Creio que um ponto enfatizado pela globalização para todos nós trata da maneira em que estamos interligados e como precisamos manter essa conexão e comunicação. Existem bem poucas coisas que podem ser feitas isoladamente neste mundo sem causar um impacto em outra parte. Queremos encorajar caminhos para expandir a nossa comunicação com as forças armadas, a polícia e as

instituições acadêmicas por toda a região. Queremos que nos informem de que maneira podemos fazer importantes contribuições aos seus estudos. Que nos contem o que estão fazendo os nossos graduados e nos digam o que podemos fazer para agir como uma entidade que provê um apoio significativo à fraternidade das forças armadas e das forças de segurança do Hemisfério. Dêem-nos um retorno e veremos de que maneira podemos fazer uma contribuição.

É importante para nós investirmos os recursos disponíveis da melhor forma para maximizar o seu uso. Não podemos perder tempo e dinheiro duplicando esforços já encaminhados. O fato de que este é o único foro verdadeiramente regional é nossa maior força e queremos contribuir para construir sobre ele a melhor maneira para servir de plataforma a todos os países. Um foro para todos os países, as forças de segurança e as forças armadas das Américas. Se conseguirmos isso, então acredito que a meta de alcançar uma solidariedade hemisférica real será ainda mais significativa. Existem muitas coisas boas acontecendo neste momento na região que prevêem um bom futuro, se pudermos manter os objetivos e a direção corretas. **MR**